



S. M. EL-REI O SENHOR D. LUIZ I

Fallecido em 10 de outubro de 1889



S. M. A RAINHA D. MARIA PIA DE SABOYA

Viuva d'el-roi D. Luiz I



S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS I

Proclamado rei de Portugal em 19 de outubro de 1889



S. M. A RAINHA D. AMELIA

Esposa d'al-roi D. Carlos I



A SEMANA

A MORTE DO REI

A hora em que escrevemos El-Rei descansa na grandiosa nave dos Jeronymos no seu ultimo somno de morto.

Aos lados, encostados ás espadas, veiam o cadaver do monarcha os seus officiaes e camaristas enquanto uma população sequiosa de novidades invade o grandioso portal e se espalha rumorejante no amplo adito do templo.

Chegou alli pela madrugada de terça feira ultima, precedido por um destacamento de cavallaria, ladeado de creados com brandões accezos, seguido pela rainha envolta em crepes, traçando na rectaguarda uma ala brilhante de cavalleiros. Havia alguma coisa de grandioso e de phantastico n'este acompanhamento funebre, seguindo lentamente a estrada de Cascaes, n'um recolhimento sidereo, por uma noite chuvosa e escural



Insensivelmente trazia-nos á memoria esse cortejo grandioso que um principe preparara, outr'ora, para acompanhar os restos adorados da mulher amada e que se desdobrava como uma serpe de fogo por longas leguas de Coimbra a Alcobaça.

Atraz do esquife, terrivel como um espectro e grandioso como um heroe da Illiada, Pedro I — o bom — na linguagem do povo; mais verdadeira que a de todos os chronistas, envolto na escuridão da sua mágua sombria; seguia lentamente o corpo d'aquella cujo cadaver elle sentara no throno; throno que o ciúme e o despeito de côrtezos lhe roubara, a ella, tão barbaamente.

A luz oscillante dos archotes illuminava a espaços a armadua luzente do principé e a comitiva de cavalleiros que o seguia podia ver-lhe na frente inclinada o olhar em fogo, onde pairava o caustico das lagrimas em brasa e onde esvoaçavam os lampejos d'um odio implacavel.



Atraz do cadaver d'El-Rei havia a menos do que atraz do feretro da malfadada, as suggestões do odio ou da vingança.

— Prostrara-o a Molestia — que brinca com os corpos, despreocupada de que se occultem em andrajosas vestes ou se envolvam em mantos de arminhos.

Seguia-o a mulher e um filho.

A dôr, apenas, acompanhava o rei!



Antes de recolher á funebre crypta de S. Vicente, El-Rei devia repousar alli. Foi um marinheiro valente, competia-lhe descansar n'esse templo magnifico, n'essa epopeia de pedra, em cujas arcarias por entre os entrelaçamentos das cordagens, parecem escutar-se as vozes de commendo, o ruido das vagas, o brouhaha da marinhagem; o ranger das roldanas, o bater das velas, o assobiar dos ventos.

El-Rei devia descansar alli: o acaso quiz conceder ao cadaver do marinheiro, a moldura grandiosa dos attributos que elle mais amara na terra.



Ao rei que chegava recebeu á porta do templo o novo rei. Estranha visita aquella, illuminada pelos brandões funereos, annunciada pelos canhões.

Estranha recepção, em que o salão da côrte se transforma em templo sombrio, e o throno de rei em catafalco lugubre e os braços illuminantes dos lustres dourados, em tocheiros esguios onde fumejam cirios!

E haveria alli a estudar o rosto do filho ante o cadaver do pae e sondar que estranhas suggestões o morto evocaria no cerebro do vivo, o que diria o rei que entrava deitado ao rei que o esperava de pé?



O rei entrou e levaram-no aconchegado no quente do estofó, cautelosamente, para cima da eça.

E então a Rainha ajoelhou-se-lhe ao lado e, talvez, n'aquella harmoniosa lingua da Italia, com que Carlos V dizia fallaria aos anjos, começou a fallar para o ceu!

Orou e chorou! Dizem que redimem as lagrimas da mulher; se esta é, como dizia Herculano, a medianeira entre Deus e os homens, decerto que nenhuma outra voz como a d'ella chegará ante o throno do rei dos reis.

Que assim seja. Que ellas possam puras erguer-se ao ceu a resgatar-nos; já que mentidas a tantos perdem na terra!



Ouvem-se os canhões de quarto em quarto d'hora; troando.

E' um aviso continuo de que a viagem do rei na terrã hão terminou ainda. Em pouco o soldado fará a ultima marcha, o rei o ultimo passeio atravez da sua capital, que elle amava tanto!



E então calar-se-ha outra vez o canhão, e o rei dormirá definitivamente no sombrio palacio de S. Vicente, inerte e silencioso, ao lado dos seus, n'esse convívio escuro e atterrador de mortos que se ladeiam, immoveis como esphinges, n'um somno attento de quem espera um signal que não chega, ou de quem se resignou a ouvir eternamente na successão dos seculos a voz do pendulo—nunca! sempre! sempre! nunca!—a voz da eternidade.

Então descançará de vez. No sombrio tumulto só poderão acordal-o as lagrimas piedosas da mulher e a critica implacavel da historia!

M. M.



EXPEDIENTE



A «Comedia Portuguesa», sahirá desde a proxima semana ás quintas feiras.

Aos nossos assignantes e leitores pedimos desculpa da interrupção que tem havido na publicação do nosso semanario, e que foi devida a varias reformas administrativas, que tivemos de fazer com urgencia. Conjuradas todas as difficuldades, a «Comedia Portuguesa» voltará a ser publicada com a precisa regularidade, todas as quintas feiras, como acima se annuncia.

A gerencia d'este semanario continúa a cargo do actual gerente-interino, Victor Lisboa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia isto por commum accordo com o antigo gerente, o sr. Silva Lisboa, que passa a fazer parte da redacção.

Para que o serviço da distribuição em Lisboa seja feito com melhor regularidade, organisou-se um corpo de distribuidores effectivos, que entregarão o jornal em casa dos senhores assignantes no proprio dia em que é posto á venda.

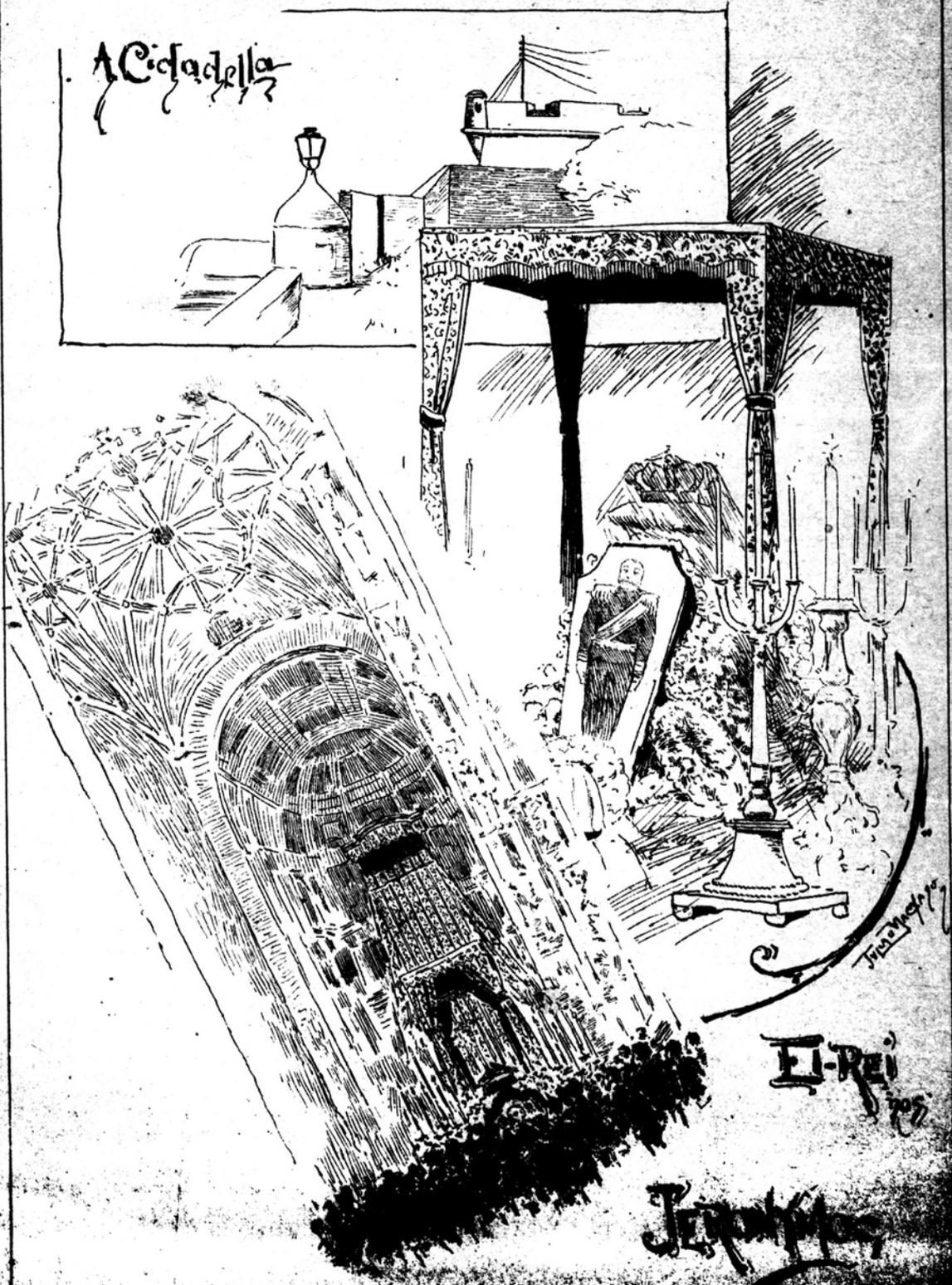
Esperamos que os srs. assignantes nos accusam qualquer irregularidade n'este serviço, para que possamos remediá-la de prompto.

Estando já concluidas as capas para o encadernamento do primeiro volume da «Comedia Portuguesa» rogamos aos senhores assignantes, que as queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 réis, para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da «Comedia Portuguesa», rua Ivens, 41, J., Lisboa.

O GERENTE
Victor Lisboa

A Cidadella



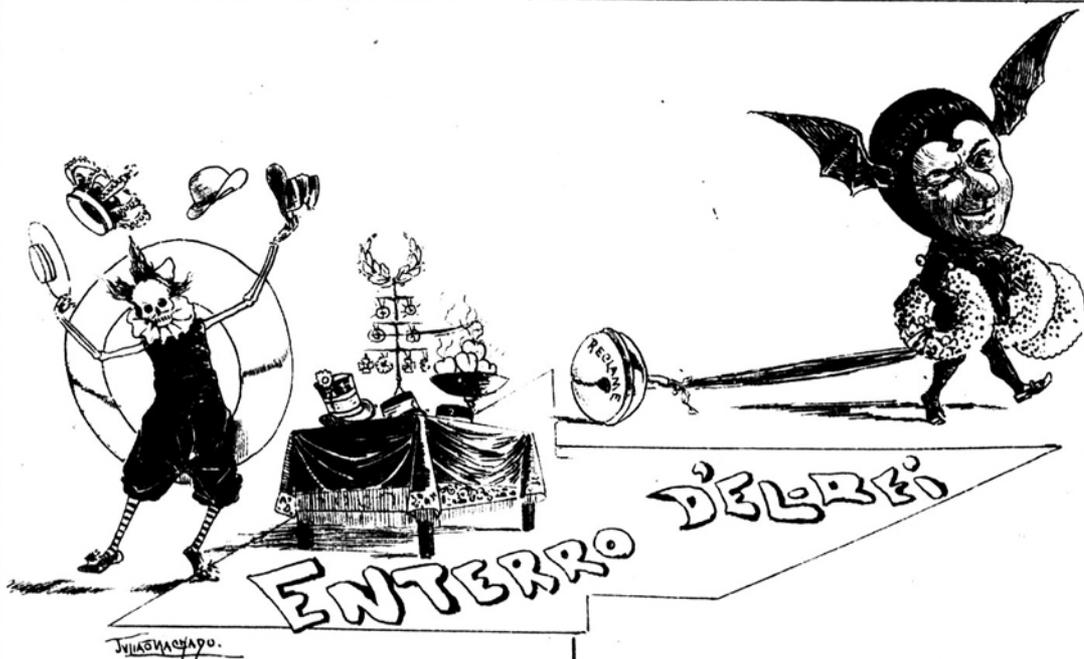
El-Rei

Jequias

O FUTURO REI



*Diana photographia
de JORDANE*



Atravessou finalmente a cidade ao som dos canhões que troavam nas fortalezas e nos navios de guerra o cadaver do rei D. Luiz. Acompanhou-o uma luzida comitiva em que se incorporaram príncipes e grandes das maiores nações do mundo, lideiou-lhe o cortejo uma multidão enorme, em trajos luctuosos.

Teve pois El-Rei um enterro, condigno com a alta posição que occupara. Descançou, enfim, na solitaria crypta de S. Vicente, no limitado espaço da sombria urna.

Alli ao recordar-lhe a grandeza do nome, onde se entrelaçam e se denunciam os parentescos mais altos, de regias stirpes, ao lembrar-lhe os titulos, as honras, as venéras, as distincções terrenas, recordando a grandeza dos seus dominios, a realza sobre um povo d'uma heroidade tr-dicional, a posse d'um throno em cujos degraus depozeram offerendas e votos d'amizade os maiores reis da terra perante o qual metade do mundo se curvou reverente dominada pelo valor homerico, pela coragem maior

que jamais relataram chronicas, dos descendentes dos nazarenos temiveis, acudiu-nos á mente, a fraze do rei hespanhol, ante o tumulo de Carlos Magno:

E cabe tudo alli!

Se cabe! Um misero caixão de pinho da terra pode encerrar, para sempre, o corpo do maior rei e esconder no esquecimento, todos os titulos, todas as honras, todas as grandezas, todas as vaidades da terra. Tudo lá caberá á farta: pó que resolve em pó, nadas que voltam ao nada!

Mas o que nenhuma urna poderá conter jámais, por mais grandiosa ou rica, possua embora a grandeza d'um Vaticano e a fortaleza d'uma pyramide do Egypto, são as grandes faculdades da intelligencia e as grandes qualidades do coração.

Essas não ha crypta que as esconda, nem sentença de morte que as condemne.

Que El Rei descance. em paz!

A SEMANA

A chronica da semana é uma chronica lugubre. Cheira a morrões de cyrios e a incenso. Lisboa inteira vestiu-se de luto. Pararam os theatros e os circos. Os clubs alegres onde bailam os saizeiros e as costureiras, fecharam, em signal de respeito pela morte do rei, as suas salas guarnecidas de bancos estofados a palha e chita de ramagens. As bambinellas floridas de cretone perderam por oito dias n'uma murcheza condoida, das galerias de pinho dourado. A mocidade conteve-se. Lisboa—triste—passou a ser n'esta semana Lisboa—a bisonha.

O grave burguez deitou tumo no chapéu lustrado pela decima vez, o amanuense o escalracho bipede d'esta misera patria entrou na despeza d'um *plastron* negro e tem de abolir a bota de vitella cór de gemma d'ovo com que se pavoneara no verão em Pedrouços e com que se dava prées de deslumbrar as raparigas ingenuas da capital. Um ou outro cavalheiro transigente com a ordem real do luto pesado passa no asphalto, negro e tetrico, como se lhe morresse pessoa da familia. Toda a gente em regra, traz um signal de lucto, ou no chapéu, ou na manta, ou no braço da quinzena e a maioria nas unhas.



Este ultimo signal já existia, dizem maldizentes, antes da ordem regia, mas não impede de ter valor e significação na occasião, como acontece com o luto das pessoas que já andavam de luto. De quarto em quarto d'hora o castello salvava, respondiam lhe no rio os navios de guerra, n'um tom lugubre e cavo como d'um gemido colossal a desangustiar-se do rio, e a espraiair-se e morrer pela vastidão do mar. As damas que passam dão-se ares graves. A maioria veste de preto o que nos dá ideia d'uma peste que nos dizima, ou nos faz lembrar que todos os medicos de Portugal estejam fazendo clinica em Lisboa!



No fundo todo este aspecto doloroso é profundamente comico; não ha um signal unico de verdadeiro pesar; a dôr não existe e o aspecto *desusado* e massador da população faz-nos ver uma mascarada repellente, tanto mais quanto é certo que ella tem como motivo um facto de que para algum resultam dôres amarissimas de crudelissimo penar.



Decretar a dôr como decretar a alegria, decretar o luto como decretar a garridice, são velhas prerogativas que o bom senso d'um governo devia fazer excluir como ridiculas, nos nossos dias.

A alçada real descendo ao fato dos vassallos, destruiu a significação que a bondade e delicadeza geral teriam alcançado na adopção espontanea, de fatos proprios do momento.

Emfim, a impressão funebre sobre que viviamos ha oito dias, secundada pelos tiros continuos e pelo tempo chhyoso começa a desfazer-se com a abertura dos theatros.



Por ultimo abriu S. Carlos. Temos pois em plena vida, a comedia, o drama, o canto a palhaça.

Quando abrir S. Bento, lá para deante, Lisboa terá a funcionar todas as cazas de espectaculos e estaremos em pleno paraizo de Mahomet.

Que elle chegue depressa, para que esta nuvem negra, com que fechámos o primeiro anno e abrimos o segundo da *Comedia*, se desfaça para sempre, batida por uma alegria sã, communicativa, desopilante.

Assim seja.

M



UM ARTIGO CURIOSO

(*Novidades*, 28 do corrente)

Pinta-nos o nosso collega, depois de varias considerações previas sobre a attitude aconselhadora da imprensa perante o novo rei D. Carlos I, depois de citar Armand Carrel, Teixeira de Vasconcellos e Rodrigues Sampaio depois de descrever que a evolução dos partidos possa fazer tesurgir a sua força moral, o caracter do novo rei.

São umas notas simples authorisadas por de pessoa que conviveu com sua magestade e de todo o ponto curiosas por nos fazerem entrar no dominio do espirito do moço rei.

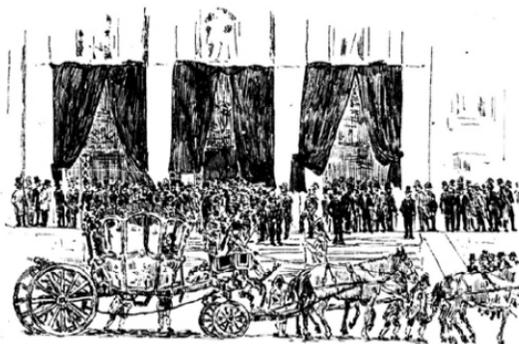
«El-rei é moço; mas ainda é mais inexperiente, do que pela sua mocidade deveria suppôr-se. Uma auctoridade, demasiado ciosa das exterioridades das suas prerogativas, arredou-o do trato dos homens publicos e do conhecimento dos negocios muito mais do que convinha á sua educação de principe herdeiro. As regencias, que exerceu de character meramente provisorio, não podiam modificar as consequencias pouco favoraveis d'este afastamento. El-rei é tambem, talvez por isso, um tímido.»

El-Rei é mais inexperiente, diz o articulista, do que deveria suppôr-se pela sua mocidade.

Adoravel franqueza que é preciso registar porque em geral é de praxe dizer-se e seria de bom cortezo o fazel-o a despeito da pouca idade sua Magestade possua um espirito atilado, uma illustração não vulgar, uma critica elevada, etc.



NOTAS DO ENTERRO



CHEGADA DOS COCHES A S. VICENTE



LE ROI EST MORT

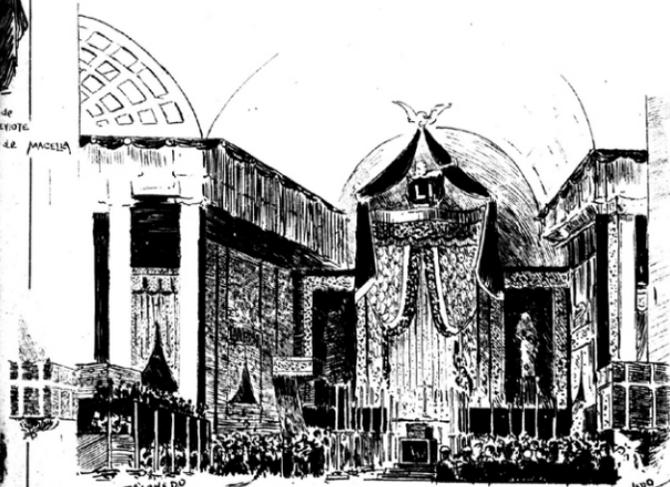
Do prestito funebre de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I podémos destacar os aspectos mais importantes e que nos offerecemos aos nossos assignantes certos de que os apreciario como recordação d'um facto, tão importante na vida portugueza. Será ainda uma pequena homenagem prestada pela Comedia Portuguesa á memoria de El-Rei.



VIVE LE ROI !



JANELA DO PALACIO DO S. VICENTE
 RECEBENDO ORNAMENTAÇÃO ESPECIAL
 PRETO E UMA CORDEA DE S. VICENTE



TAMBOREDO

APRETO DA CAPELA-MOR DE S. VICENTE

JANELA

COMEDIA NA
 ULTIMA TAPADA

Isto é que seria bonito dizer e não vir revellar á nova curiosidade de vassallos que o carro do estado é guiado por inexperiente moço, a por-nos na imminencia de nos torrar a paciencia, com um outro inexperiente mancebo torrando a terra, a guiar o carro do sol.



Mas El-Rei pelo que se vê é homem de exterioridades, gosta das apparencias e n'ellas se embebe e por isso como se entretém a ver os bordados das fardas dos ministros, nunca teve aquella curiosidade (aliás natural das creanças) dos inexperientes, de ver como eram feitos por dentro

Foi regente, mas como era a fingir, não ligou importancia e contentava-se em ter um tinteiro bonito e uma penna *chic* para os despachos.

Questão de apparencias... como diz o collega.

De resto El Rei é um tímido. E coisa curiosa D. Affonso é outro tímido ainda maior. Ha uma comedia que se chama—os dois tímidos—representado com applauso, etc.; mal sabiamos nós que os heroes estavam tão altamente collocados, que ella existia de facto nos palacios reaes.

Que curiosas revelações não dá a convivencia dos principes.

E acrescenta:

«Inexperiente tímido como é, el-rei é, não obstante, um caracter, uma vontade, uma personalidade, como o foi sua avó a sr.^a D. Maria II, como se annunciou, que o seria seu tio o sr. D. Pedro V. Como o não foi seu pae o sr. D. Luiz I! Esse caracter se souber conservar-se, essa vontade se souber exercer-se, essa personalidade se souber impôr-se, darão essa força, de que o paiz precisa e que os partidos, no estado em que se encontram, são incapazes de crear ou de supprir.

Podemos corrigir, para melhor comprehensão: El-Rei é, não obstante, um caracter *inexperiente e tímido*, uma personalidade *inexperiente e tímida*...

Esse caracter se souber conservar-se *inexperiente e tímido*, essa vontade se souber exercer-se *inexperiente e tímida* essa personalidade se souber impôr-se *inexperiente e tímida* darão essa força de que o paiz precisa...

Pois já se vê que sim. Nada mais logico, mais coherente, de mais fino alcance politico.

Depois d'isto o articulista pede a D. Carlos, uns requeijos de D. Miguel e grita-lhe — avante!

A politica portugueza em se querendo dar ares serios e sahir da descompustura, cahe n'isto e na comedia chôcha. O' lagrimas correil:



S. Carlos. — Abriu finalmente as suas portas o nosso theatro lyrico, ponto obrigado para a reunião do *high-life* lisboeta, no inverno, e exposição annual de *toilettes* da nossa aristocracia feminina. Esta exposição é que este anno perdeu muito do seu natural interesse, em rasão do luto official, decretado pela morte do rei. As *toilettes* negras, nos camarotes, davam ao theatro um aspecto lugubre; parecia mais que assistiamos a umas exequias do que á execução de uma opera.



Em compensação, porém, encontrámos a sala do theatro, senão mais açada, pelo menós mais commoda, em virtude das novas cadeiras, que são realmente confortaveis. A companhia parece-nos que deve satisfazer regularmente, não diremos os mais exigentes, mas os mais razoaveis de paladar em assumptos lyricos.

Entre os artistas figuram alguns já conhecidos do nosso publico, como as *prima donnas* Pasqua e Tetrazzini, duas cantoras notaveis; tenor Brogi, que sabe cantar embora a voz não o ajude muito, e o 2.^o tenor Paroli, que não aspira á celebridade, porque seria tempo perdido. Entre os novos artistas distinguem-se: o soprano dramatico sr.^a Nadina Bulicoff, cuja voz é primorosa, embora lhe falte o sentimento indispensavel para aquecer as plateas; e o baixo Ercolani, que é cantor distincto e um bom artista. Temos mais o barytono Colletti e o tenor Aramburo, que ainda não ouvimos, mas que passam por ser dois cantores notaveis.





Brevemente daremos uma pagina com os retratos das principais artistas da companhia, para assim satisfazermos a natural curiosidade dos que se interessam pelo que diz respeito ao nosso theatro lyrico, cuja nova epoca acaba de se inaugurar sob uma direcção que julgamos competente e que nos parece animada dos melhores desejos de bem corresponder á sua delicada missão.



D. Maria. — Continúa a sua carreira gloriosa a *Leonor Telles* o drama do nosso director litterario Marcellino Mesquita. Pelo interesse crescente que a peça inda hoje desperta, pode ajuizar-se que se conservará longo tempo em scena.

Assim o desejamos e que chegue depressa a noite da sua festa.



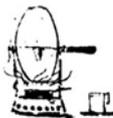
Gymnasio. — Répetem-se os espectaculos verdadeiramente humoristicos, que conservam sempre o espectador na melhor disposição para rir.



Rua dos Condes. — Peça nova, *Os Lobos do Mar*, que reúne bellas condições para agradar ao publico.



Avenida. — *O Prato de resistencia*, chistosa parodia do *Plato del dia*, caiu em graça. E bem o merecia porque é um *arreglo* bem feito e muito gracioso.



Colyseu. — O concerto dos *Tziganos*, o notavel equilibrista Brannan, e a sympathica Irma, domadora das cactuas, bem como os variados trabalhos acrobaticos da companhia, que ali funciona, attrahe todas as noites uma enorme concorrencia a essa popularissima casa de espectaculos.



A «Comedia Portugueza», desde o presente numero sahirá ás quintas feiras.

A gerencia d'este semanario continua a cargo do actual gerente-interino, Victor Lisboa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia isto por commum accôrdo com o antigo gerente, o sr. Silva Lisboa, que passa a fazer parte da redacção.

Para que o serviço da distribuição em Lisboa seja feito com melhor regularidade, organisou-se um corpo de distribuidores effectivos, que entregarão o jornal em casa dos senhores assignantes no proprio dia em que é posto á venda.

Esperamos que os srs. assignantes nos accusam qualquer irregularidade n'este serviço, para que possamos remedial-a de prompto.

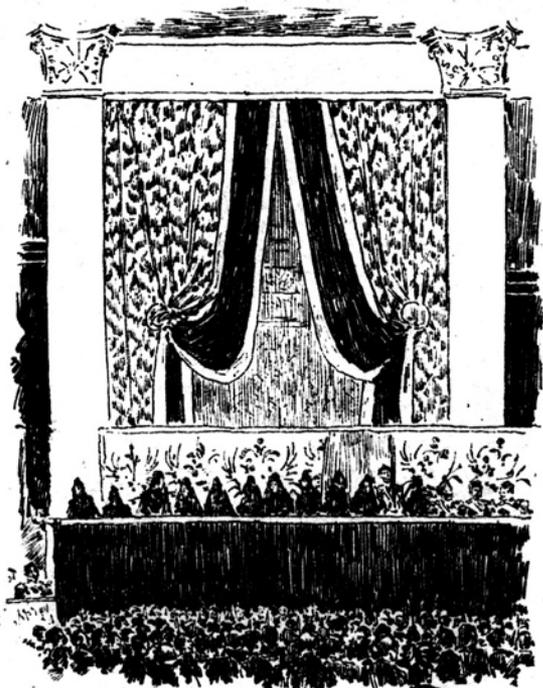
Estando já concluidas as capas para o encadernamento do primeiro volume da «Comedia Portugueza» rogamos aos senhores assignantes, que ás queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 réis, para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da «Comedia Portugueza», rua Ivens, 41, 1.ª, Lisboa.

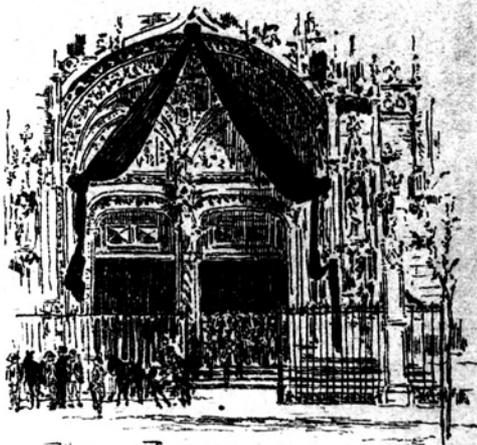
O GERENTE
Victor Lisboa



NOTAS DO INTERRO



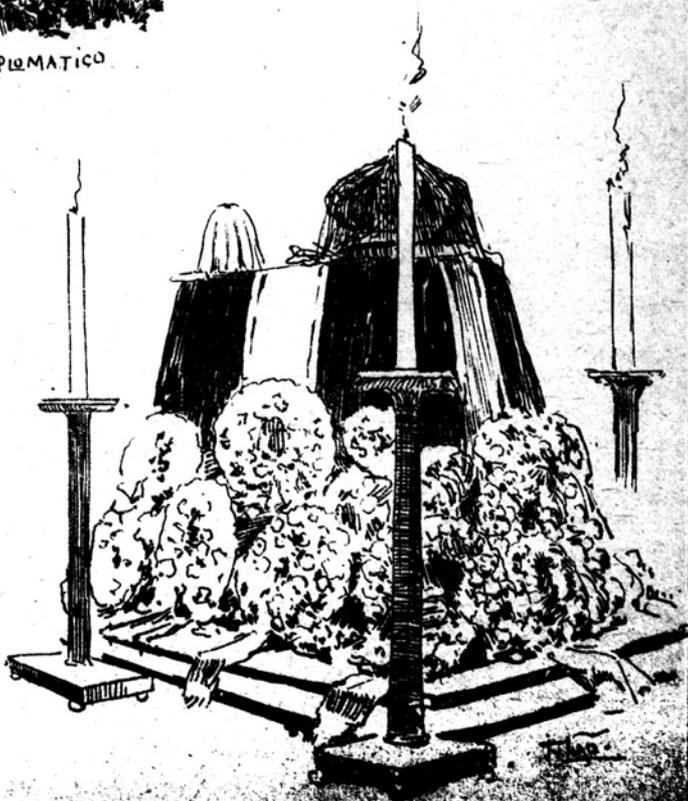
A TRIBUNA DO CORPO DIPLOMATICO



NOS JERONYMOS



J. LAMARCAO Presidente da
Comissão Académica de Coimbra



No Panteão